

GAZETA MUSICAL

Publica-se de 15 em 15 dias

Director-proprietario: Alfredo Fertin de Vasconcellos
REDACTOR-PRINCIPAL: IGNACIO PORTO-ALEGRE

Assignatura para a Capital Federal e os Estados: 10\$000 annuaes; paizes estrangeiros: 12\$000.

Redacção e administração: Rua da Quitanda, 42, para onde deverão ser enviadas quaesquer correspondencias e communicações, que não serão restituídas ainda que não sejam publicadas

A temporada lyrica de 1892 no Rio de Janeiro

(VERDADES QUE NÃO FORAM ESCRIPTAS)

(Continuação)

Um outro gravissimo defeito da critica indigena; este então é de uma injustificabilidade patente.

Verbo e gracia—O artista A cantou o papel de *Raul dos Huguenottes* durante a temporada do anno passado; o artista B incumbe-se do mesmo papel na temporada actual. Vem a critica fluminense e, antes de mais nada, faz o confronto entre A e B; para que não me dirão?

Que ganham com isso a critica, o publico, A e B???

Será por ventura falta de recursos do criticista? E porque o criticista não tem conhecimentos serios para dizer sob responsabilidade propria:—A tem tal voz, registros taes, falhas em taes notas, escala tal, natureza de voz tal, extensão tal,—escreve apenas com uma inconsciente mas deploravel perversidade, que o artista A cantou melhor ou peor que B, tal ou qual aria, tal ou qual recitativo, é mais ou menos actor, interpreta assim ou assado... Mas, por Appollo! para que tão sedição e velha e gasta asneira?

Os jornaes não perdoam o escandalo mais intimo, mais misteriosamente domestico, entre familia, escandalo que não aproveita ao governo, ao povo, ás finanças, ao cambio, á alta dos preços de generos alimenticios, á falta de carne verde nos açougues; os jornaes são ferozes, são indiscretos insolentemente para o que não é de forma alguma

da conta delles; e entretanto calam, propositalmente, escondem *criminosamente*, escandalos que se agitam entre bastidores; escandalos esses que offendem a fortuna dos emperezarios, que escarnecem da nossa boa fé de publico e de auditorio, que desprezam o sacrificio dos que pagam 20 mil reis por uma cadeira no theatro, á noite, para um gozo de 3 horas, sendo certo tambem que os escandalizadores ganham 15, 18, 20 mil francos (OURO) por mez !?

Porque essa defeza pachorrenta e inexplicavel da nossa Imprensa em favor de uns sujeitos que merecem de nós pelo muito que ganham, ou que valem, a nossa pateada ou o nosso applauso?

Porque essa faina unanime e intransigente de julgar, e até, algumas vezes, de *prejulgar* superior, excellente tudo quanto vem de além mar? Já não bastam a cerveja, e até os palitos que são considerados bons pelo facto de não serem nacionaes ?...

E substitue-se um artista por outro que vem sacrificar uma opera, e se transfere um espectáculo, á ultima hora, sem a minima attenção para com o publico ?...

E o critico em vez de conhecer, no theatro, apenas a sua cadeira, o lugar de onde elle assiste aos espectaculos, que julgará sob a mais pura e mais perfeita lizura e imparcialidade, busca soffrego, esfregando mãos num jubilo de *privilegiado*, olhozinhos piscos, riso immovel nos labios, repito-o, busca soffrego desde o camarim do regente até o da baillarina?

E a seriedade digna e insuspeita do *criticista* desfaz-se, esphacela-se em curvaturas affectadas de espinhas dorsaes, e no esbanjamento fantastico de phrases canoras de elogios tilintantes !...

Isso não é a missão do critico, (*critico* de verdade como todo o mundo suppõe ser neste abençoado paiz das arvores de patações e cachos de bananas!); isso é reportagem galantemente indiscreta de bastidores de theatros.

Meus senhores, para traduzir Larousse e collegas e mais auctores estrangeiros, em materia de arte musical, (ou outra qualquer arte) basta que a gente saiba o seu poucochinho de francez, ¹ possua, para escrever, papel, penna, tinta, o Larousse e collegas, e fique em casa com sua mulher e seus filhos...

E note-se que para isso mesmo, é preciso que a gente conheça *melhorzinho* que o vulgar a lingua nacional e a lingua do outro...

¹ Conforme o idioma em que escreveu a victima

Tratemos agora, em traços largos, dos artistas da notavel companhia lyrica que vem de nos deixar.

III

Dissemos ao dar principio a estes dizeres, ser a companhia lyrica da derradeira temporada, de 2ª ordem. Entretanto, façamos alguns reparos relativos á critica fluminense, proverbialmente louvaminheira, no genero-opera, aos artistas, porque... *si falarmos mal dos homens não teremos lyrico p'r'o anno...*

Este, o pretexto; e semelhante proceder vem, por vezes, a ser causa de injustiças clamorosissimas.

Vejamos:

MARINO MANCINELLI! — Um favo de ouro nos labios da critica patricia. (Outros mais perversos diriam uma... fava). Até então, na tranquillidade da nossa vida artistica, Mancinelli Marino fôra um nome desconhecido á santa e quente terra de S. Sebastião, a não ser para alguém que o ouvisse ou visse no Theatro S. Carlos, de Lisbôa, o anno passado. Este cavalheiro illustre, em noites de espectáculo em que toma parte como regente de orchestra, faz-se ouvido e visto; o Sr. Marino Mancinelli bate com os pés sobre o estrado da regencia; o Sr. Marino cantarôla; o Sr. Mancinelli descompõe as gentes, zune *ptsios* á platêa, ao palco, aos bastidores; o Sr. Marino tem exclamações de máo humor aos professores da orchestra, faz gestos fulminadores com a flexibilidade branca da sua batuta de pinho fino, o Sr. Marino...

E tudo isso foi considerado pelo nosso meridionalismo, excentricidades de temperamento, quando para o manual de civilidade, não passa de muita falta de boa educação.

E não param ahí as fantasias pittorescas dos admiradores mancinellicos. Por exemplo: o illustre moço italiano moveu a marcha da *Aida* em tempo de *gallope a la Feniano*, sendo que semelhante interpretar foi considerado innovação no genero; o *septuor* dos *Huguenottes* foi interpretado assim a modo de quem vai tirar o pai da forca... depois do espectáculo. O Sr. Mancinelli, rapaz exquisito e suando novidades, atacava (é o termo) a seu bel prazer, pancadas de bombo e mais bombo, bombo a valer, em todas as partituras, p'ra effeito e muito principalmente, creio eu, p'ra barulho... E neste caso houve tanta e tanta gloria a ponto de ficar muita gloria ainda para o bombista; e o bombista entrou enloirado para

os annaes do *Theatro Lyrico*. O Sr. Mancinelli foi tido e havido qual o mais conscencioso maestro que até hoje nos visitára ; e o Sr. Mancinelli conscenciosamente cons. ntiu que subisse á scena aquella *Africana* desesperadora, de impagavel memoria !

Pois então a *Africana* de Meyerbeer é opera que se atire em scena como uma peça de retalhos? Pois o maestro que andou a prejudicar escandalosamente a economia da Empreza Ducci & Ciachi por causa da *Gioconda*, do *Mephistopheles* (que é um *bibelot* tolo em arte — un *cherchez le bizarre*, com themas vivos do *Lohengrin*, etc., etc.), abandona a *Africana*, filha querida do eminente mestre, de um modo tal, a ponto de, a sua propria orchestra desobedecel-o magistralmente, obrigando-o a cantarolar uma phrase inteira de um instrumento, cujo professor se descuidára? Então é licito aos *maestros conscenciosos*, no final das temporadas *lyricas*, se descuidarem injustificavelmente do cumprimento do seu dever?

E' o caso de se pedir ao Sr. Marino Mancinelli que comece pelo fim para que este não seja prejudicado, ou pelo menos que acabe pelo principio...

..

Mas porque apparecem de repente estas minhas observações? Exactamente pelo facto de haver a Critica encontrado um Deus Nosso Senhor Jesus-Christo, um *Tudo*, no Sr. Mancinelli, quando este distincto rapaz é um magnifico, sem ser absolutamente um EXTRAORDINARIO regente.

Isto de mudar de andamento por capricho ou mesmo por temperamento, não é bicho nenhum de sete cabeças: basta capricho ter, e... temperamento. Colorir a phrase musical com elementos orchestraes; equilibrar a sonoridade, mover o rythmo artisticamente, é um facto de valor estupendo quando em *primeira* interpretação; mas em 2^a ou 3^a ou *centesima*, basta que o regente não seja para ahi uma cavalgada qual-quer, afim de que tenha restricta obrigação de dar bem o seu recado, sabendo imitar os *primeiros*; o que fica a ser reconhecido é, si o que elle *melhora* imitando é ou não razoavel.

Nada mais facil do que *melhorar* um machinismo; difficil é invental-o!

Entretanto, esse homem interpretou e regeu notavelmente o *Tannhauser* de Wagner. Esse trabalho é sufficiente para dar ao Sr. Mancinelli o

direito de ser considerado um magnifico director chefe de orchestra. Mas este facto assustou a Critica! Lembremo-nos comtudo de que *Tannhauser* se representa desde 1845 ou 47 (no momento em que escrevo não me occorre precisamente a data) e, pela revolução que provocou em cousas musicaes, tem sido até nossos dias o cavallo de batalha dos regentes wagnerianos, facilitando-se dessa maneira a sua boa ou melhor execução, por parte dos que tal opera estudam. De resto, o Sr. Mancinelli, com toda a conscenciosidade que lhe outorgou galantemente o Criticismo carioca, deu-nos um *Tannhauser* com varios cortes sem arte e sem escrupulo. Para exemplo: no duetto do 3º acto entre *Walfran* e *Tannhauser*, foi cortada uma phrase inteira annunciadora da apparição de *Venus*; a phrase era executada por uma banda interna e a banda não servia?... O Sr. Mancinelli mandava ou não mandava alli? Porque não exigiu o Sr. Marino da Empresa outra banda, quando é certo que os empregarios se sacrificavam sempre por muito menos, em vista das exigencias do maestro? Ouvimos alguns ensaios do *Tannhauser* e presenciamos isto: — a banda foi mal; o Sr. Mancinelli cortou a phrase!! E isto se verifica num ensaio geral? Mas me respondam com sinceridade, isto é ser o *mais conscencioso* maestro que tem visitado a muito heroica cidade do Rio de Janeiro?... Porque *tozou* mais o Sr. Mancinelli ou a Sra. Gabbi, pequeninissima parte da *preghiera* de *Elizabeth* no 3º acto apoz o côro dos *Peregrinos*? Desgostaram-se d'aquillo? Mas Wagner escreveu o *Tannhauser* com a preocupação de agradar ao Sr. Marino Mancinelli ou á Sra. Adalgiza Gabbi?... Repetimos mais uma vez: tratamos do Sr. Mancinelli — genio. Todavia do Sr. Mancinelli — talento, musico distincto, magnifico regente de opera, direi apenas bem; e, como tal considerado, mereceu e merecerá sempre os meus applausos de *diletante* sincero e fazedor de justiça.

Não pretendo de modo algum cançar os leitores da *Gazeta Musical* com uma enfiada intermina de artigos. Comtudo, repararei o que me parecer de mais notavel de reparo, e de *clamoroso* protesto contra causas dadas e acontecidas no correr dos ultimos espectaculos lyricos.

Tratemos da *signora* Adalgiza Gabbi.

..

Adalgiza Gabbi :
Bella mulher!

ASSIS PACHECO.

(*Continúa*).

A nevrolisia de um critico

No terreno dos insultos, das aggressões pessoases tem continuado o critico do *Paiç* na sua campanha de descredito contra o Instituto Nacional de Musica, de despeito contra o nosso amigo Miguéz.

Logo no principio dos seus artigos declarou o celebre critico que o movia a raiva de não ter sido escolhido para professor do Instituto e soubemos depois que o preparado musico se destinava á cadeira de esthetica e historia da musica!

Se é possivel á força de memoria chegar alguem a habilitar-se para leccionar historia, se é possivel que dia a dia estude o ponto que na aula seguinte tem de explicar, não está nos mesmos casos o curso de esthetica que precisa conhecimentos especiaes da materia, estudos musicaes profundos, opinião formada sobre o bello, noções precisas de acustica e nenhuma d'estas habilitações ornarn o pretendente *manqué*.

Incapaz de concorrer a uma cadeira do curso de solfejo, desde que esse concurso seja serio, desde que se exija o conhecimento profundo da materia; tendo lido muito por alto um compendio de harmonia—o de Durand, se nos não falha a memoria—cujo final não chegou a comprehender; sabendo superficialmente, de simples leitura sem base, *umas cousas* sobre musica, julga-se qualquer habilitado a atacar a reputação artistica de quem quer que seja e a arrastar nas columnas de um jornal um nome probo, serio e respeitado.

N'esta questão, a *Gazeta Musical* vê-se obrigada a desviar-se do seu proposito de não intervir em discussões pessoases; mas levam-n'a a isso as insinuações feitas em um jornal pela sua parte edictorial, da qual é responsavel não só quem a assigna como a redacção em pezo.

Depois, nós fomos accusados publicamente de sermos jornal ás ordens do Sr. Miguéz; e por mais que tenhamos repetido que só nos liga ao mesmo senhor a muita admiração que lhe temos como artista, o muito respeito que nos merece como homem; apesar do critico do *Paiç* saber perfeitamente que não está nos nossos habitos a subserviencia e que não sujeitamos a nossa opinião e a nossa maneira de ver a quem quer que seja; apesar de todo o mundo saber que a *Gazeta* vive pelo esforço do seu proprietario, sem auxilios que não sejam os de seus assignantes, o nevrolitico do *Paiç* aproveita-se do agasalho que lhe foi dado nas columnas d'aquelle jornal para derramar

sobre nós toda a sua bile, e, sem responder ás nossas accusações, atira-se ao director do Instituto com o mais feroz dos despeitos, com a mais inconfessavel deslealdade.

Nós somos obrigados a defender o nosso grande compositor symphonico, que pela sua posição, pela elevação artistica a que chegou, não pode vir destruir falsidades assacadas conscienciosamente e com o proposito firme e unico de o magoarem.

Destruir uma por uma todas as inverdades citadas, fora longo demais para o pequenez d'este jornal; e da maior parte d'ellas não precisa defeza o director do Instituto.

Apezar de toda a capacidade do critico do *Paiç*, apezar dos seus conhecimentos physio-psycologicos, apezar de todos os adjectivos que tem tido para os grandes trabalhos de Miguéz, é caso para notar-se que o grande Wolff brasileiro não fez jamais a critica de um dos poemas symphonicos do mesmo senhor, e isto porque — sem contestação — lhe falta a competencia profissional em taes casos exigida.

Não podemos deixar por isto de perguntar: como é que o nosso Rubinstein brasileiro, que tão mal falla hoje do auctor do *Hymno da Proclamação da Republica*, o não analysou na occasião? porque não notou os defeitos da *Parisina*, do *Ave Libertas*, do *Prometheu*?

Ah! E' que o Larousse não pode dar noticia sobre estes trabalhos e o *genio* não tinha de onde traduzisse.

Mostrar o despeito pelas contradicções do grande Sarcey brasileiro fora longa tarefa, a já disso se incumbiu um amigo pelos ineditoriaes do *Jornal do Commercio*; mas não vem fora de proposito trazer mais um a respeito do *Hymno*, porque tudo isto constitue o libello acusatorio do despeitado *maestro*.

No *Paiç* de 21 de Janeiro de 1890 dizia o mesmo critico em um topico:

« O do Sr. Leopoldo Miguéz, logo ao ser encetado, foi acclamado pela maioria do publico e obteve o voto unanime do jury.»

E diz mais adiante:

« O jury escolheu perfeitamente e o nosso voto teria sido esse; mas fique registrado aqui o nosso protesto contra a desigualdade no concurso, visto não se ter apresentado ao povo e ao jury a composição de Alberto Nepomuceno tal como foi ideado, inda mesmo tendo nós plena certeza que o do maestro Miguéz seria o preferido, visto servir para ser excutado somente por bandas musicaes, o que se não daria com o outro. »

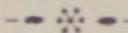
Esta noticia termina assim:

« Parabens ao illustre autor da *Parisina*, a maior gloria musical da nossa patria. »

Não ha fugir d'aqui: ou n'esse tempo o critico pensava de forma differente e a sua maneira de ver está sugeita á influencia das phases da lua, ou procurava enganar os seus leitores dizendo-lhes o que não sentia e sacrificando a verdade por uma cadeira que sollicitára no Instituto de Musica.

E' para nós doloroso enveredar por estas discussões; mas é preciso que não mais permittamos, nós que nos dizemos civilisados, que as gralhas da critica se enfeitem com os adornos que lhes não pertencem e que, abusando do assentimento bondoso dos seus compa-
nheiros de redacção, façam com que um jornal serio e lido aggrida por tal forma quem só é credor á sua admiração e ao seu respeito.

Continue o grande critico a inventar as suas nevrolysis cabulosas; continue com as suas capadoçagens de jornalista ousado; prosiga na sua campanha de accusações sem base e sem verdade e verá que ha de ir muito longe e quem o manda somos nós.



Noticias do Rio e Estados

PARA SER REGISTRADO

No *Jornal do Commercio* de 10 e 11 do corrente, na parte inedito-
rial, vieram publicados os dois artiguinhos que abaixo transcrevemos,
porque nos parece necessario que aqui fique registrado — como já ficou a
incompetencia de se tomar a sonata em *fa* de Beethoven pelo *allegro* de
Alfredo Napoleão — mais esta prova do valor das accusações do maior
critico brasileiro.

AS CONTRADICÇÕES DO SR. OSCAR GUANABARINO, CRITICO NEVROLYTICO

I

O Sr. Miguez é bem conhecido entre nós como compositor.

Como regente é exactamente o que esperavamos — bom. (*Paiç* de
26 de Junho de 1886).

O publico entendeu perfeitamente que uma reparação se devia a quem tinha sido victima de pequenas e odiosas questões de nacionalidade, da qual era agitador o referido Sr. Superti e quando este senhor galgou o estrado da regencia desabou de todo o theatro, inclusive os camarotes, a mais tremenda pateiada que jámais estrondou sob aquelle tecto. (*Paiç* de 1º de Julho de 1886).

« Resta-nos o Sr. Leopoldo Miguez.

Mas o digno director já foi regente, em 1886, da companhia do Rossi, que trabalhou em S. Paulo e aqui no teatro lyrico.

Nessa temporada o Sr. Leopoldo Miguez viu que não tinha pratica de regente, o que o expoz a ser injuriado pelo barytono Lherie em um ensaio.

Para que uma opera ficasse em termos de ser apresentada em publico era preciso que o Superti *dirigisse* a orchestra *regida* pelo Sr. Miguez, e dahi resultou retirar-se este da regencia da companhia, por não querer o necessario collaborador.»

« Meia duzia de amigos do Sr. Miguez promoveram uma pateada ao Superti e appareceu então o regente Arthur Toscanini, que dirigiu a *Aida* de cór e dispensou a collaboração do Superti e não ouviu palavras injurias de Lherie.» (*Paiç* de 9 de Dezembro de 1892).

Ora, tudo isto que citamos está assignado: *Oscar Guanabario*. Resta-nos pois o direito de perguntar: Quando faltou á verdade, então ou agora? — UM MONOPHONO.

II

Ainda é muito cedo para estudar os resultados do Instituto Nacional de Musica, instituição fundada em 1890.

Só no fim de seis annos é que temos o direito de avaliar os serviços prestados pelo corpo docente sob direcção do Sr. Leopoldo Miguez; mas por isso mesmo podemos prever os seus beneficos resultados e applausões todas as concessões feitas pelo Governo em favor de um estabelecimento que progride e é, indubitavelmente, o primeiro no seu genero, nas Americas. (*Paiç*, de 22 de Julho de 1892).

.*.

E tem tempo para isso, porque vamos analysar alg
 periodico em questão, deixando até lá em plena paz o I

Vieira Fer-
 velina Barbosa
 Herminia Laura

de Musica, que não passa de um collegio de meninas com uma aula de flauta. (*Paiz*, de 7 de Dezembro de 1892).

Ora, tudo isto que citamos está assignado: *Oscar Guanabarino*. Resta-nos, pois, o direito de perguntar: Quando faltou á verdade, então ou agora? — UM MONOPHONO.

ARTISTAS LYRICOS

Recebemos os cartões de cumprimento dos artistas Vittoria Sulli, Corina Cescati, Georgio Firaux, Albino Verdini e Donato Rotoli, que fazem parte da companhia que actualmente trabalha no Polytheama.

Agradecendo a fineza da sua cortezia, desejamos-lhes todas as prosperidades e ficamos ao seu dispôr para o que de nós possam precisar.

INSTITUTO NACIONAL DE MUSICA

Resultado dos exames de aproveitamento no curso de theoria elementar.

Distinção: Luiza Albertina Beral 13,60; Izabel França 13,20; Margarida P. de Souza 12,80; Leopoldina de Araujo 12,20; Maria Magdalena Pinheiro Sampaio, Maria Julia Onofre e Marianna Monteiro Guimaraes 11,20; Juracy da Costa 11,60 Olga Kopal, Mathilde de Gusmão Souza e Maria Gomes Pereira Valente 11,40.

Plenamente: Bemvinda de Almeida, Eulina Pimenta de Macedo, Laura Onofre, Maria Gomes Pereira Valente 1ª e Noemia Marques 11; Alice Pimentel, Maria Alice da Silva e Narciza Rosa de Mello 10,80; Marcellita Boudraux 10,60; Fileta Camponeza de Caldas, Maria de Freitas Guimarães, Palmira Ferreira Campello, Thereza de Almeida Reis e Zaira de Azevedo Marques 10,40; Amalia Genilicio Corrêa, Elisabeth Kopal, Marianna de Queiroz Ferreira, 10,20; Amelia Gomes Valente da Silva 10; Evangelina da Silva e Oliveira 9,80; Olga Dias Soares 9,60; Marietta Mendes Vieira 9,20.

Simplemente: Gerasime Boudraux 9; Belarmina Augusta da Piedade 8,80; Leonidia Pinheiro Marques Carneiro e Paulina Ribeiro 8,40; Augusta Adelaide de Brito, Leonor Horta e Thereza de Almeida 7,80; Edmundo Octavio Ferreira e João Cyrillo 7,20; Henrique da Costa Carvalho 7,20.

Como regente: Antonia Herminia de Cerqueira 6,80; Aurea Ribeiro 4,40; Honorina Proença 4,40; Florisbella Freire

Houve uma inhabilitação e deixaram de comparecer a exame seis alumnos.

Canto choral (1ª epoca) Distincção com louvor: Henriqueta Psychê d'Emma Stockler, 14,50; Distincção: Armanda Marques, 12,80; Carlinda Ribeiro, 12; Elvira Moreira Coelho, 11,60; Esther Amaral, 12,60; João de Deus e Silva, 12,20; Maria da Conceição Cerqueira Lima, 11,40; Maria Alice de Araujo, 12,80; Manoelita Aives de Souza, 11,80; Octavio Diogenes de Vasconcellos, 11,40; Orminda Alves de Souza, 12,40; Julia Sylvia de Paula Barros, 12.

Plenamente: Alzira de Moura Miranda, 10; Alice Chlorinda Fialho, 10,20; Cora Nympha Ferreira França, 10,40; Celina Manso, 9,80; Felizardo Eustaquio Guerra, 10,80; Julia Coutinho, 11; Leonor Acioli de Vasconcellos, 10,20; Luiza Maria Buston, 10,60; Maria Amalia de Queiroz, 9,40; Maria Amelia da Conceição Chaves, 9,60; Maria Manso, 10,20; Noemia de Araujo, 9,60; Olympia Leopoldina de Castro, 10,60; Sebastião Aureliano Chaves, 10,20.

Simplesmente: Alzira Machado de Mello, 9; Francisco da Costa Ramalho, 8,60; Luiza Ramos Garcia, 8,20; Maria Christina da Silva Lima, 8; Tranquilino Gomes Cordeiro, 8,20.

Insufficientes sete. Não compareceram nove.

Solfejo individual (1ª epoca) Distincção: Corina Saldanha da Gama, 13,80; Isabel Vasconcellos da Silveira, 13,60; Isaura Moniz, 12,80.

Plenamente: Emma Alfredo Theodoro Seelinger, 10,60; Julieta Cavalcante Caminha, 10,80; Laura Candida Vieira, 10,60; Maria Theresza Lopes, 9,40; Rosa Emilio Madruga, 10,40.

Simplesmente: Antonio Julio de Almeida, 8,60; José da Silva Maia, 8,80; Luiz Gomes de Pinho, 7,80; Sara Sylvia de Castro Porto, 8,40.

Insuficiente 1.

Solfejo individual (2ª época). Distincção: Julieta Lacé Brandão, 11,40; Lucinda de Souza Ferraz, 11,40; Lucia Xavier de Souza, 11,40; Maria da Gloria Soares, 12; Pompilia de Medeiros Paes Leme, 12,20; Sylvia Guedes de Carvalho, 13,80.

Plenamente: Argentina de Medeiros Paes Leme, 9,60.

Simplesmente. Floripes Anglada Lucas, 8,60.

Não compareceu 1.

Canto choral (2ª época). Distincção: Clementina Vieira Ferreira, 11,20; Emilia Barbosa Guimarães, 12,60; Evelina Barbosa Guimarães, 11,80; Francisca Moreira Coelho, 11,40; Herminia Laura

de Andrade, 11,40; Isbella Moreira Crelho, 11,40; Lavinia Alves Pereira, 11,60; Rogerio Ribeiro da Rocha, 11,40; Zulmira de Araujo Costa, 11,60.

(Continúa).

— ❖ —

A musica e seus representantes

PALESTRA SOBRE A MUSICA

(Continuação)

O terceiro personagem n'esta *arte militante* é Liszt : um verdadeiro demonio da musica, um demonio que tudo devasta na sua passagem, que enebria pela amplidão da sua fantasia, que seduz pelo encanto, que vos transporta nos seus arrebatamentos para os cimos inacessiveis ou vos arrasta aos abysmos sem fundo, que novo Protêo, admite e adopta todas as formas da arte, ao mesmo tempo idealista e realista, que sabe tudo e de tudo é capaz, mas que em tudo tambem é falso, rebelde, falto de sinceridade e trazendo em si o principio do mal.

A sua carreira artistica divide-se em dois periodos, o do *virtuose* e o do compositor. O primeiro é a meus olhos a epoca brilhante da sua vida. Até hoje sem rival na execução e muito interessante nas suas composições de virtuose para piano (fantasias sobre themes de operas, estudos, transcrições de romances, rapsodias hungaras, pequenas peças para concerto, transcrições de obras de orchestra), Liszt brilhou como um astro rutilante no horisonte musical desde 1830 a 1852, admirando toda a Europa com o seu brilho. Estreiou ao mesmo tempo que Thalberg, e basta comparar as suas phantasias sobre os themes de *Don Juan* para ver a distancia que os separa. Thalberg é, no sentido musical, um *Gentleman* de salão, um pouco futil, pregado a alfinetes e de cabellos cuidadosamente alizados; Liszt é, pelo contrario, um personagem imponente, poetico, romantico e profundo, de cabellos compridos, um perfil dantesco e qualquer cousa de captivante em todo o seu ser. As palavras são demasiado pallidas para exprimirem o que era a sua execução; era a perfeição ideal, attingia os limites do concebivel. Como é lamentavel que o phonographo não existisse n'essa epoca de maneira a transmittir as gerações futuras, que dellas não podem ter ideia alguma, o que era uma verdadeira execução pianistica! Quem não

ouvio Chopin, Liszt, Thalberg e Henselt não sabe o quanto se pode conseguir do piano! Depois, Liszt tem ainda o grande merito de ter sabido apresentar ao publico, com o auxilio da sua palavra, da sua execução e dos seus escriptos, compositores ainda desconhecidos e ter rehabilitado memorias esquecidas e desconhecidas.

Quanto ao segundo periodo da carreira de Liszt, a de compositor, é elle, a meu ver, bem lamentavel. Em cada uma das suas obras apparecem intenções que vos irritam; a musica de programma é levada ao excesso e de uma *pose* perpetua: na musica sagrada posa diante de Deus; nas obras orchestraes posa diante do publico; nas suas transcrições posa diante dos compositores¹; nas rapsodias húngaras posa diante dos ciganos. « Nas artes é preciso fazer o grandioso » era a sua maxima favorita; assim, as suas obras são recheiadas de exagerações. A sua mania de inventar o *novo* custasse o que custasse levou-o a compor obras inteiras (sonatas, concertos, poemas symphonicos) construidas sobre um *unico* thema, processo completamente anti-musical. O thema tem o seu character determinado, tem a sua disposição especial; si se quer emprestar-lhe caracteres differentes, mudando-lhe o rythmo e o tempo, perde então o seu *cachet* e a sua natureza propria e não podem mais pertencer senão á fórma de variação². Não foi o capricho de um compositor que estabeleceu as differentes formas musicaes; ellas foram elaboradas pelo tempo e as exigencias estheticas; é assim que não se podem mudar as formas da sonata sem a tornar simples fantasia, uma cousa que não será nem symphonia, nem sonata, nem concerto. A architectura nas suas leis elementares é a arte que mais se approxima da musica; é possivel representar uma casa, uma igreja ou um edificio qualquer sem uma forma preconcebida? É possivel imaginar um edificio cuja fachada seja de uma igreja, a parte opposta seja de um pavilhão e as partes lateraes de estação de estrada de ferro ou usina?

Eis porque a amorphia em uma obra musical não é senão o improvisado e de alguma forma a divagação. O poema symphonico — é assim que Liszt intitula as suas obras orchestraes, — apresenta talvez uma nova forma de arte; mas seria ella necessaria e será viavel? Com-

¹ Só no *Roi des Aulnes* de Schubert a sua transcrição é verdadeiramente genial; nos outros *lieder*, os detalhes da melodia por phrases transportadas em registros differentes, as mudanças frequentes e as justaposições tornam essas transcrições muitissimo defeituosas.

² A fantasia em *do* maior de Schubert é tambem escripta sobre um thema unico, mas é uma fantasia, isto é: uma obra que não está adstricta a certas formas theoricas; depois, compõe-se de quatro partes, cada uma das quaes tem a sua disposição determinada e o seu arranjo completo; não se vê alli aparecer o thema de maneira episodica, tanto em adagio, como em allegro, em scherzo, mesmo com o character tragico, etc, etc.

pete ainda ao futuro responder-nos, como sobre o drama musical de Wagner. A instrumentação de Liszt revella a mesma maestria que a de Berlioz e Wagner; traz o mesmo cunho. E preciso accrescentar unicamente que a sua orchestra não é em bôa verdade senão um *piano-orchestra* e que as suas composições orchestraes parecem trechos de piano instrumentado. Em compensação o seu piano era uma verdadeira *orchestra-piano*, não só em relação ao poder, mas também sobre variedade e colorido do som. Berlioz, Wagner e Liszt são os *virtuoses* da orchestração.

Posso admittir, em rigor que a sua maneira de correr á redea solta poderá favorecer um dia á aparição de algum genio. Mas com referencia á criação, encarada sob o ponto de vista strictamente musical, não me é possível contal-os no numero dos mestres. Além dos defeitos que já assignalei ha de faltar-lhes sempre um dos principaes encantos da composição: simplicidade, que é verdadeiramente a marca do genio, o que prova que no fundo de todo homem mesmo genial existe no fim de contas apenas um ser homem...

A influencia destes tres artistas sobre os compositores modernos é com certesa importante, mas não benefica na minha opinião. Ha um certo interesse em vêr qual destes musicos tem mais influencia e em que paiz a exerce principalmente. Na Allemanha é Wagner quem domina, sobretudo na opera, e Liszt sobre alguns compositores de musica instrumental. Em França e na Russia são Berlioz e Liszt que imperam, mas unicamente sobre a musica instrumental, porque em França a opera está ainda sob a influencia de Meyerbeer e na Russia ella volta-se para a esphera restricta do nacionalismo desejado. Na Italia é Liszt quem arrebatou, a tal ponto que tem levado os jovens compositores italianos a ensaiarem-se no genero symphonico, ao qual até hoje o genio italiano se conservou refractario e se conservará sempre, na minha opinião.

— Assim, quanto ao senhor a nossa epocha musical é simplesmente uma epocha de transição.

— Absolutamente. Vir nos-ha d'ahi alguma cousa? só o futuro poderá dizer. Quanto a mim, sinto que não viverei bastante para vel-o. Eis porque choro sob os margens dos rios babilonicos; para mim a harpa não resôa mais...

— Si assim fosse, isso provaria simplesmente que o senhor provára da arvore da sciencia e que tinha perdido as alegrias do paraizo.

— Restam-me, ao menos, as alegrias da recordação.

— Não temos, pois, nada mais de grande a esperar da musica?

— Quem sabe? Fallo apenas do presente.

— E os compositores vivos: Brahms, Devorak, Grieg, Goldmark, Saint-Saens, Massenet, Verdi, Gounod, Tchaikowski e outros ainda? E os executantes: Joachim, Sarasate, Bulow, D'Albert, Stockaueen, Faure, Patti? O que faz o senhor delles?

— *De vivis nihil nisi bene.* Depois, a maior parte dos artistas que a senhora acaba de citar, é composta de filhos do passado, eu só ouço fallar dos moços de hoje.

— Aquelle que não gosta da musica moderna pode refugiar-se na musica antiga; fazem-n'a hoje mais vezes e melhor do que nunca.

— Mais vezes, é verdade, mesmo vezes de mais.

— Então o senhor é contra a vulgarisação da musica.

— Essa questão póde ser encarada de duas maneiras e cada uma dellas tomada separadamente parece justa; assim, apesar de eu ter reflectido muito a tal respeito, não me pude decidir sobre qual é, em summa, o ponto de vista mais justo. E' certamente para desejar que a massa do publico possa ouvir as obras dos grandes mestres, e, dessa fórma, adquirir uma certa comprehensão da musica; para isso é preciso necessariamente fundar escolas, concertos populares, sociedades philarmonicas e symphonicas e sociedades de canto. Mas, por outro lado, sinto tambem que a arte musical exige que se lhe consagrem absolutamente e que a sirvam em um templo accessivel só aos iniciados; que esta arte devia ser qualquer cousa de sagrado, por assim dizer, e só destinada aos eleitos; que era preciso enfim cercal-a de mysterio. Qual das duas faces da questão é a mais justa? Pela minha parte eu não desejaria ouvir, por exemplo, em um concerto popular ou em uma praça publica a nona symphonia, os ultimos quartetos para instrumentos de corda ou as ultimas sonatas de Beethoven; não porque o publico os não comprehendesse, mas, ao contrario, pelo receio de que elle os comprehendesse.

— E' até onde pode chegar o paradoxo.

— Não sei tambem si os musêos concorrem para a educação do povo nas artes plasticas ou si, pelo contrario, esses musêos não tem sido e não serão nunca uteis sinão á parte intelligente do publico.

— Parece-me que a arte musical, sob o ponto de vista da educação do publico está sujeita a condições muito diversas das artes plasticas, e por isso não póde haver comparação entre ellas.

ANTONIO RUBINSTEIN.

(Continúa.)

PAPELARIA CARVALHAES

55, Rua dos Ourives, 55

Grande sortimento de objectos de escriptorio Lindas collecções de chromos.

CARVALHAES & C., RIO DE JANEIRO**FREDERICO GUIGON
PIANOS**Vende, concerta, aluga e afina
9, Rua dos Ourives, 9**M. N. MOREIRA PARANHOS
PIANOS**Vende, aluga, concerta e afina
Rua 7 de Setembro, 155**CAMISARIA ESPECIAL
53, RUA DO OUVIDOR, 53
ALVARO BRAGA****A. LEBRETON & C.**
Casa especial em concertos de pianos
Afina, vende, troca e aluga
77, Rua do Rosario, 77**FREDERICO DO NASCIMENTO**Professor de violoncello e harmonia
Recados: rua da Quitanda, 42**A CASA MILLIET**Tendo augmentado consideravelmente o seu
sortimento de todos os artigos de
OURIVESARIA, CHRISTOFLE, CRYSTAES E
PORCELLANAS FRANCEZASestá habilitada a fazer grandes fornecimentos,
tanto para particulares como para hotéis, botequins
collegios, etc.

IMPORTAÇÃO DIRECTA — PREÇOS SEM COMPETENCIA

As vendas por grosso dos *Talheres de Christofle*
têm desconto especial.19, RUA DOS OURIVES, 19
PORTA TUNNEL.**IGNACIO PORTO-ALEGRE
PROFESSOR DE THEORIA MUSICAL**

46, Rua Marquez de Olinda, 46

CASA AMERICANAArmazem de moveis americanos, francezes,
austriacos e allemães

ARTIGOS DE FANTASIA, USO DOMESTICO E LAVOURA

B. M. de Carrazedo Junior
40, Rua da Quitanda, 40**PIANOS E MUSICAS****FERTIN DE VASCONCELLOS & MORAND, RUA DA QUITANDA, 42
RIO DE JANEIRO****A. M. AFFONSO PIRES**AFINADOR E CONCERTADOR DE PIANOS
Recados: rua do Rosario, 77

A ESTACAO
JORNAL DE MODAS PARISIENSES
DEDICADO AS SENHORAS BRASILEIRAS

18 cada numero

CORTE
UM ANNO
18\$

PROVINCIAS
UM ANNO
20\$

MODAS, VESTUARIOS PARA SENHORAS E CRIANCAS, TRABALHOS DE AGULHA ETC.

BELLAS ARTES, LITTERATURA, REVISTAS DO MUNDO ELEGANTE, NOCCES DE ECONOMIA DOMESTICA.

Editores Proprietarios
LOMBAERTS & CIA
7 RUA DOS OURIVES 7
RIO DE JANEIRO

XIVº Anno

PIANOS

DE

PLEYEL, H. HERZ, GAVEAU, BORD, ETC., ETC.

Unico deposito dos

PIANOS BLÜTHNER

GRANDE SORTIMENTO

DE

MUSICAS

DE

TODOS OS EDITORES

BUSCHMANN & GUIMARAES

52, RUA DOS OURIVES, 52